

## REDAÇÕES NO VESTIBULAR: UMA ABORDAGEM SOCIOLINGÜÍSTICA \*

MARIA APARECIDA BACCEGA \*\*

### 1. Introdução

No estudo do desempenho lingüístico escrito de vestibulandos, além de análises sintático-semântica e lexical, decidiu-se que seria importante uma abordagem sociolingüística, para se verificar até que ponto o perfil do candidato e o sistema educacional estariam influenciando nesse desempenho.

Os aspectos sociolingüísticos ampliariam a visão dos problemas, na medida em que discutem as influências do sistema educacional percorrido pelo aluno.

#### 1.2. Objetivos

Os objetivos dessa pesquisa foram caracterizar, do ponto de vista sócio-econômico, o vestibulando da Área Biomédica, do ano de 1976, em São Paulo, que fez vestibular pela Fundação Carlos Chagas, estabelecendo a relação entre o nível sócio-econômico de sua família e a média da população do Estado de São Paulo; comparar a situação dos candidatos e a média da população, verificando a relação do meio sócio-econômico com o desempenho desses candidatos na prova de redação; constatar a existência de possíveis modelos que poderiam, até certo ponto, disfarçar os condicionamentos sócio-econômicos.

#### 1.3. Hipóteses

Numa primeira fase de reflexão sobre o material trabalhado — «Nenhum homem é uma ilha», tema proposto no vestibular — elaboraram-se as seguintes hipóteses:

a) os vestibulandos seriam, em geral, de família de nível sócio-econômico acima da média;

b) a relação do meio sócio-econômico com o desempenho lingüístico seria de difícil constatação, pois haveria um mascaramento da realidade pelos modelos de redação;

c) os vestibulandos teriam seu desempenho lingüístico escrito cercado por modelos, que lhes seriam previamente oferecidos.

### 2. Metodologia

A leitura prévia das redações mostrou não apenas a repetição de um esquema (esboço, plano), que poderia ser preenchido de maneira diferente pelos candidatos; mostrou modelos, repetição não apenas do esboço, mas do preenchimento deles, com conceitos uniformes, que não indicavam elaboração crítica por parte do preenchedor.

Usou-se, por isso, o termo **Modelo**, no sentido de reprodução, por imitação, de algo que serviu de exemplo ou norma.

A partir daí, caracterizaram-se dois modelos, que foram denominados **Modelo I** e **Modelo II**.

2.1. O processo adotado no **Modelo I** foi desenvolver o tema, baseado na divisão e enumeração de dois aspectos — homem e ilha —, conceituando-os. Em seguida, em algumas redações, a comprovação ou justificação dos conceitos emitidos, através da comparação entre eles.

A conclusão, nesse modelo, constitui-se, em geral, de uma comparação final dos dois elementos do tema, já conceituados pelo vestibulando, privilegiando um aspecto discutido anteriormente. Difere da comparação propriamente dita, inserida no desenvolvimento da redação, apenas pelo uso de uma conclusiva ou explicativa e concessiva ou causal.

«Logo, podemos afirmar que «nenhum homem é uma ilha», pois todo homem está em constante comunicação, dando e recebendo influência uns dos outros, independentemente do número de indivíduos que comportam a sociedade». (87)

«Mesmo que diversas vezes o homem sinta necessidade de estar só, certamente não desejaria nem suportaria a solidão e o isolamento a que são renegadas as ilhas». (69)

2.2. No **Modelo II** distingue-se uma seqüência de conceitos, o mais possível universais, de grande super-

\* Pesquisa financiada pela Fundação Carlos Chagas

\*\* Universidade de São Paulo. Faculdade Ibero-Americana.

ficialidade, envolvendo aspectos de comunicação, sociológicos, tecnológicos, psicológicos e biológicos.

Os mesmos conceitos são repetidos por todos os que optaram por esse modelo.

O elemento denominado **aspectos sociológicos** funciona, geralmente, como introdução e aparece na quase totalidade das redações desse modelo. Outros elementos — comunicação, aspectos tecnológicos, psicológicos e biológicos — funcionam como desenvolvimento.

A conclusão, nesse modelo, nada mais é que um desses elementos, antecedido geralmente de conclusiva, explicativa ou concessiva, fazendo, algumas vezes, referência a ilha.

«Mesmo que consiga sobreviver na solidão o homem não poderá como uma ilha perdida no oceano manter aquele equilíbrio de vida necessário, vindo então a sucumbir vendo aos poucos os seres semelhantes irem se indo». (152) — **aspecto psicológico.**

«Pois, se o homem fica isolado, como uma ilha em um oceano, não terá condições de acompanhar os processos que continuamente se desenvolvem na sociedade, e com isto ficará marginalizado e num estado empírico próprios de pessoas incultas.

Portanto, o homem que usa os dons a ele auferido desde o princípio da criação não ficará a margem e nem será uma ilha na civilização e em seu tempo». (162) — **comunicação.**

A estrutura dos dois modelos é a seguinte:

Modelo I	Modelo II
homem-conceituação	homem-comunicação
ilha-conceituação	homem-aspectos sociológicos
homem/ilha-comparação	homem-aspectos tecnológicos
conclusão	homem-aspectos psicológicos
	homem-aspectos biológicos

2.3 Denominou-se **Sem modelo** um grupo de redações onde, rigorosamente, os modelos apresentados não são seguidos.

Subdividiu-se esse grupo em **Sem modelo<sub>a</sub>** — redações onde aparece o conceito de homem como comunicação, ao lado de outras abordagens. Não se pode, com apenas esse elemento, caracterizar mais um modelo, embora ele implique repetição dos mesmos conceitos que aparecem no elemento **homem-comunicação** do Modelo II; **Sem modelo<sub>b</sub>** — somente aqui se percebe o desenvolvimento do tema sem modelos prévios.

«Deve-se, porém, levar em conta que uma pequena precaução, por parte das pessoas em travar contatos com seus semelhantes é válida numa grande cidade, onde aumentam diariamente os índices de criminalidade e violência, talvez

pelos indivíduos sentirem-se no anonimato e quiserem distinguir-se; ou por uma repressão rigorosa quanto aos modos e costumes inerente à própria sociedade, é necessário um certo cuidado». (229) — **sem modelo<sub>b</sub>.**

2.4 O fichamento das redações obedeceu a três etapas:

a) levou-se em consideração a presença ou não de modelos; classificaram-se as fichas em Modelo I, Modelo II e Sem modelo;

b) fichou-se cada elemento do Modelo I — **homem, ilha, homem/ilha-comparação, conclusão;**

c) fichou-se cada elemento do Modelo II — **homem-comunicação, homem-aspectos sociológicos, homem-aspectos tecnológicos, homem-aspectos psicológicos, homem-aspectos biológicos.**

### 3. CARACTERÍSTICAS SÓCIO-ECONÔMICAS

Antes de analisar o desempenho lingüístico dos vestibulandos, convém identificar algumas das suas características sócio-econômicas, comparando-as com a população do Estado de São Paulo. A partir de tais características pode-se traçar mesmo um perfil típico do vestibulando para sua melhor identificação. Os dados utilizados são de um lado uma amostra dos vestibulandos do CESCEM e, de outro lado, os resultados censitários do Estado de São Paulo referentes a 1970<sup>1</sup>.

#### 3.1 Origem do vestibulando

TABELA I

DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL POR LOCAL DE NASCIMENTO, NA AMOSTRA E NA POPULAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO

LOCAL DE NASCIMENTO	VESTIBULANDOS %	POPULAÇÃO ESP %
Exterior	5,0	5,0
SP (Capital e Interior)	86,7	78,1
Minas Gerais	3,3	6,7
Paraná	1,7	1,3
Centro-Oeste	1,7	0,4
Nordeste	1,7	8,4

A Tabela I indica predominância, tanto na amostra como na população, dos naturais do Estado de São Paulo (Capital e Interior). Da forma como estão publicados os resultados gerais do Censo, não se pode distinguir Interior de Capital, mas, para o vestibulo

1. Os dados da amostra foram obtidos do Questionário de informações sobre o candidato, Fundação Carlos Chagas, 1976 e os da população, nas publicações do FIBGE, relativos ao Censo Demográfico de 1970.

lando, sabe-se que 45,0% são do Interior e 41,7% da Capital.

Embora o local de nascimento seja mais ou menos uniforme para a amostra e a população, a Tabela I revela que a população oriunda do Nordeste e de Minas Gerais, principais fontes de migração interna, não tem condições de fazer ascender seus filhos ao ensino superior, pelo menos na primeira geração. Isso reforça a evidência de que os vestibulandos pertencem a famílias já instaladas há mais de uma geração em São Paulo.

Os dados da Tabela II mostram que quase 2/3 dos vestibulandos viveram os dez primeiros anos de vida em municípios com mais de 100.000 habitantes (61,1% dos vestibulandos e 60,5% da população). E mesmo entre os vestibulandos, a maior parcela é de municípios com mais de 200.000 habitantes, entre os quais a própria Capital.

TABELA II

DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DA AMOSTRA DOS VESTIBULANDOS E DA POPULAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO POR NÚMERO DE HABITANTES DO MUNICÍPIO

Nº DE HABITANTES DO MUNICÍPIO	VESTIBULANDOS* %	POPULAÇÃO** %
1.000 a 5.000	5,6	5,64
5.001 a 20.000	11,1	12,63
20.001 a 50.000	7,4	8,72
50.001 a 100.000	14,8	12,40
100.001 a 200.000	22,2	11,40
Mais de 200.000	38,9	49,13

\* Local onde viveram os dez primeiros anos de vida

\*\* Local de residência

Fica ainda evidente que tanto a população do Estado de São Paulo como os vestibulandos se situam minoritariamente em pequenos municípios: 18,27% e 16,7% em municípios de até 20.000 habitantes.

Uma proporção equivalente (33,3% da amostra dos vestibulandos e 35,79% dessa população) situa-se em municípios de porte médio, isto é, municípios com menos de 20.000 e até 100.000 habitantes.

Torna-se evidente, portanto, que a maioria dos vestibulandos da amostra provém de áreas urbanizadas, o que determinaria uma relação direta entre taxa de urbanização e acesso ao ensino superior (Oliveira, 1976, p. 53-68).

### 3.2 Tamanho da família

TABELA III

DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DA AMOSTRA DOS VESTIBULANDOS E DA POPULAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO POR NÚMERO DE MEMBROS DA FAMÍLIA

Nº DE MEMBROS DA FAMÍLIA	VESTIBULANDOS %	POPULAÇÃO %
1	3,4*	4,5
2	3,4	15,9
3 ou 4	36,2	38,2
5 ou 6	39,7	25,7
7 ou 8	13,8	10,4
9 ou mais	3,4	5,3

\* não mora com a família

A tendência, assinalada na Tabela II, não é confirmada pela consideração do tamanho da família, conforme se vê na Tabela III. Com efeito, a família média do Estado de São Paulo é composta de 4,41 pessoas, enquanto a família do vestibulando é de 5 pessoas. Como o tamanho da família diminui com o processo de urbanização, seria de se esperar, entre os vestibulandos, uma média inferior e não superior à do Estado de São Paulo. Isso pode decorrer de uma dubiedade de respostas ao questionário empregado para caracterizar o vestibulando e precisaria de novos dados para esclarecimento da questão.

Confirmando a diferença acima, vários estudos já publicados sobre o vestibulando (Oliveira, 1976, pág. 67; 1972, pág. 9) indicam, tal como os resultados contidos na Tabela III, que a classe de maior frequência é a de 5 ou 6 pessoas, quando na população do Estado de São Paulo é apenas de 3 ou 4. Trata-se de um problema a ser esclarecido por investigações mais específicas.

### 3.3. Escolaridade do pai do vestibulando

TABELA IV

DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS PAIS DOS VESTIBULANDOS POR NÍVEL DE INSTRUÇÃO

Curso Completo	Pai %
Nenhum	12,3
Primário	47,4
1º ciclo secundário	10,5
2º ciclo secundário	12,3
Superior	17,5

Na impossibilidade de se comparar diretamente o nível de instrução do pai do vestibulando com a população do Estado do Estado de São Paulo, algumas observações paralelas são possíveis. Assim, verifica-se pela Tabela IV que uma significativa parcela de 12,3% dois pais dos vestibulandos não tem instrução. Para o Estado de São Paulo, tomando-se a população analfabeta e semi-alfabetizada (sem curso completo), ela representa 50,5% do total de pessoas com 10 anos ou mais. Aquela parcela ainda parece alta e indica mais uma questão que merece ser investigada em profundidade, podendo ter várias causas como por exemplo um forte contingente de famílias de imigrantes que está alcançando rápida ascensão por intermédio da escolarização.

Tomando-se a população do Estado de São Paulo, com cursos completo, e comparando-a com uma re- apresentação da Tabela IV, resulta a Tabela IV a.

TABELA IV a

DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS PAIS DOS VESTIBULANDOS E DA POPULAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO, POR CURSO COMPLETO

Curso Completo	Pais %	População *
Primário	54,0	71,7
1º ciclo secundário	12,0	11,4
2º ciclo secundário	14,0	11,4
Superior	20,0	5,5

\* Considerada apenas a faixa etária de 40 a 59 anos.

Essa tabela mostra que, embora predomine em ambas o nível primário, a partir do 2º ciclo secundário aumenta a proporção entre os pais dos vestibulandos.

Essa tendência pode ser comprovada na Tabela V e Pirâmide de Escolaridade, cujos dados são perfeitamente compatíveis, uma vez que foram tomados os anos de escolaridade tanto dos pais dos vestibulandos como os da população e se introduziram cortes presumíveis do nível de escolarização atingido.

TABELA V

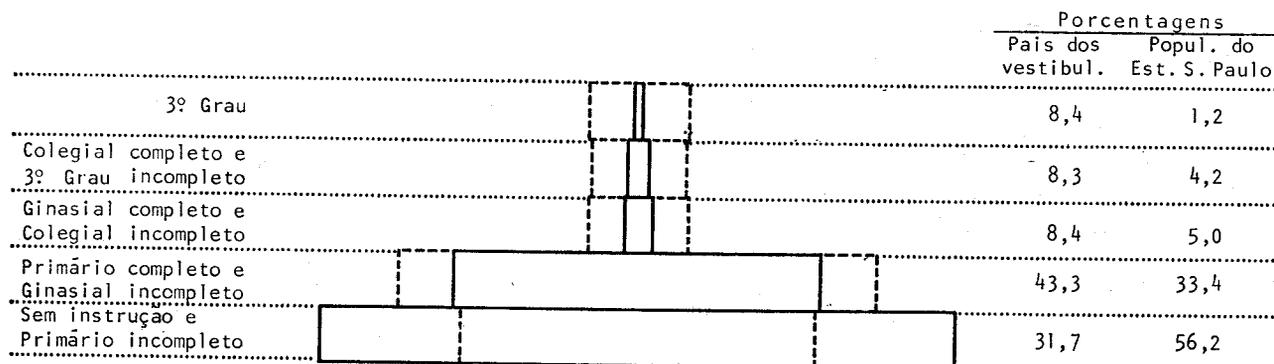
DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS PAIS DOS VESTIBULANDOS E DA POPULAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO, POR ANOS DE ESCOLARIDADE

Anos de Escolaridade	Pais %	População %
0 a 3 anos	31,7	56,2
4 a 8 anos	43,3	33,4
9 a 11 anos	8,4	5,0
12 a 15 anos	8,3	4,2
16 a 18 anos	8,4	1,2

A estrutura piradimal é encontrada nos dois conjuntos. Na população do Estado de São Paulo, a base é ampla e o cume é restrito. Para os pais dos vestibulandos, ela é menos ampla na base alarga-se sensivelmente no cume, sendo a faixa mais extensa a do primário completo.

A proporção dos pais dos vestibulandos com ginásio completo para cima é de 25,1%, enquanto para a população do Estado de São Paulo é de apenas 10,4%.

GRÁFICO 1 — PIRÂMIDE DE ESCOLARIDADE



□ Pais dos vestibulandos: amostra CESCEM (1976)

□ População do Estado de São Paulo: Censo Demográfico (1970)

Isso demonstra que a escolaridade elevada constitui fator favorável à busca da universidade.

### 3.4. Trabalho e renda

TABELA VI

DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS PAIS DOS VESTIBULANDOS E DA POPULAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO POR POSIÇÃO NO EMPREGO

Posição no Emprego	Pais	População
Empregado	44,4	79,6
Conta própria	25,9	18,5
Empregador	29,7	1,9

Comparando-se a posição no emprego do pai do vestibulando com a condição de ocupação da população do Estado de São Paulo em 1970, conforme Tabela VI, verifica-se que o vestibulando tem seus pais mais bem situados na escala ocupacional. Basta ver que, enquanto quase 80% da população economicamente ativa do Estado de São Paulo é constituída por empregados, entre os pais dos vestibulandos essa proporção é pouco mais da metade daquela mesma parcela.

Por outro lado, somente 1,9% da população é constituída por empregadores, proporção essa que sobe para quase  $\frac{1}{3}$  dos pais dos vestibulandos.

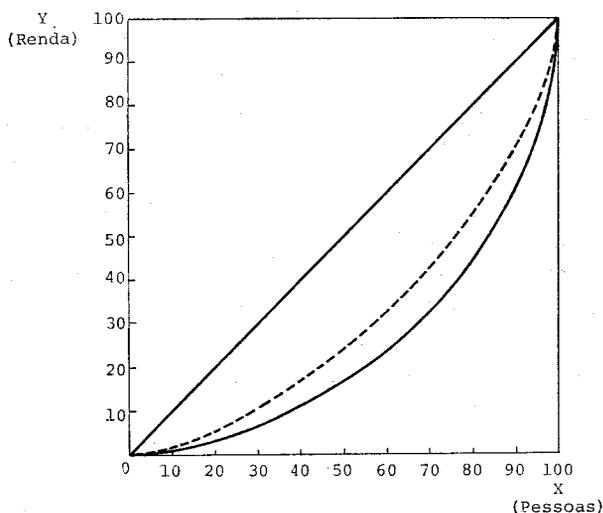
Evidencia-se, pois, que o vestibulando tem uma situação economicamente favorável. Isso pode ser visto mais claramente, tomando-se o fator renda, conforme Tabela VII e Gráfico 2.

TABELA VII

DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DA RENDA DAS FAMÍLIAS DOS VESTIBULANDOS E DA RENDA DA POPULAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Classes de renda Cr\$	Vestibulandos (%)		População (%)	
	família	renda	peçoas	renda
1.000 ou menos	1,8	0,14	40,89	11,97
1.001 a 1.500	3,6	0,68	7,40	3,75
1.501 a 2.000	1,8	0,47	9,97	6,17
2.001 a 3.000	9,1	3,38	10,69	8,41
3.001 a 4.000	14,5	7,56	8,62	8,73
4.001 a 5.000	12,7	8,51	14,81	24,98
5.001 a 8.000	34,5	33,36	3,23	9,08
8.001 a 12.000	12,7	18,90	1,92	7,56
Acima de 12.000	9,1	27,00	2,46	19,35

GRÁFICO 2 — CURVA DE LORENZ



— Estado de São Paulo, setor urbano (1970) — índice Gini = 0,47  
 .... Vestibulandos (famílias de), CEECEM (1976 — índice Gini = 0,35

A população do setor urbano, excluindo-se aquela parcela da população paulista que se dedica às atividades rurais e englobando, portanto os setores secundários e terciário, tem uma distribuição de renda altamente concentrada. Basta verificar que 2,46% das pessoas de altas rendas detêm 19,35% da renda total da população, enquanto, no extremo inferior, tem-se perto de 41% da população, detendo apenas 12% da renda total. Em contraposição a isso, vê-se que 9,1% das famílias dos vestibulandos, portadoras de maior renda, apropriam aproximadamente  $\frac{1}{4}$  da renda total. No extremo inferior, para apropriar 1,29% da renda, é preciso reunir 7,2% das famílias (classes de até 2.000), sendo que 83,5% das famílias apropriam-se de 71,7% da renda, cuja concentração está na classe de 5.001 a 8.000.

Para explicitar com maior clareza a diferente estrutura de renda, recorre-se às curvas de Lorenz e aos índices Gini, expressos no Gráfico 2. Ambos evidenciam que a desigualdade é menor para as famílias dos vestibulandos do que para a população paulista, pois aquela curva se aproxima mais da curva ideal de equidistribuição. Isso resulta na diferença entre os índices Gini que, quando baixos, revelam melhor distribuição de renda: como se vê, eles são, respectivamente, 0,47 para a população do Estado de São Paulo e 0,35 para as famílias dos vestibulandos.<sup>2</sup>

### 3.5. Escolaridade

O vestibulando da Área Biomédica de 1976 em São Paulo, da Fundação Carlos Chagas, na sua maio-

2. Para o Brasil, o mesmo índice era de 0,54 em 1970. (Langoni, 1973, p. 71 e 262)

ria, situa-se na faixa etária de 17 a 19 anos e cursou a escola oficial no período diurno.

Os dados da amostra indicam ainda que a maioria dos vestibulandos completou o 2º ciclo em 1975, na faixa etária de 18 anos, o que indica aprovação contínua na seqüência de anos escolares.

Nessa amostra de vestibulandos, 28,1% não frequentaram cursinho. Preocupou-se em saber qual o tempo de permanência, por entidade mantenedora, dos 71,9% que o frequentaram. Resultou a Tabela VIII.

TABELA VIII

DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DA FREQUÊNCIA A CURSINHO POR TEMPO DE PERMANÊNCIA E POR ENTIDADE MANTENEDORA

Entidade mantenedora	Frequência ao cursinho (%)		
	½ ano	1 ano	2 anos
Oficial	60,0	61,1	87,5
Particular	40,0	38,9	12,5

Verifica-se que a proporção dos que frequentam apenas meio ano de cursinho é maior entre os vestibulandos oriundos da rede oficial, sendo que essa proporção aumenta para mais de ¾ dos que frequentam cursinho por 2 anos.

Os dados levam a supor que são alunos rede oficial que vêm lotando os cursinhos.

Uma vez caracterizado sócio-economicamente o vestibulando, procurou-se verificar até que ponto o desempenho lingüístico dos candidatos refletiria a condição sócio-econômica.

#### 4. Apresentação e análise dos dados

Na análise das 60 redações fichadas, foram encontrados dois modelos básicos: **Modelo I** e **Modelo II**, já descritos na metodologia, além de dois outros tipos, denominados **Sem Modelo<sub>a</sub>**, **Sem Modelo<sub>b</sub>**, cujas frequências estão distribuídas na Tabela IX.

TABELA IX

DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS REDAÇÕES DE ACORDO COM OS MODELOS

Modelos	Freq.	%
Modelo I	12	20,0
Modelo II	25	41,6
Sem modelo <sub>a</sub>	12	20,0
Sem modelo <sub>b</sub>	11	18,3

#### 4.1. Modelo I

TABELA X

DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS ELEMENTOS DO MODELO I

Elementos	Freq.	%
homem - conceituação	12	100,0
ilha - conceituação	12	100,0
homem/ilha - comparação	10	83,0
conclusão	10	83,0

Esse modelo corresponde a 20% do total das redações, havendo 16,6% de modelos completos, isto é, aqueles em que todos os elementos se apresentam e 3,3% de modelos incompletos, ou seja, com ausência de um dos elementos.

Pela Tabela X, vê-se que os elementos sempre presentes são **homem-conceituação** e **ilha-conceituação**.

Nesse modelo, o conceito de **homem** fundamenta-se, algumas vezes, na comunicação, entendida como necessidade que o homem tem de dialogar, não se percebendo em nenhum momento a explicitação do objetivo do diálogo. Como se vê pelos exemplos, o vestibulando constata essa necessidade, sem nenhum exame crítico.

«... o homem, por natureza, é um indivíduo que necessita de companhia e, sem perceber, volta-se para os outros». (73)

«Já ao homem, isso não acontece, ele pode sobreviver ou ficar solitário em lugar deserto ou mesmo em uma ilha, mas isso apenas por pouco tempo, porque logo sente necessidade de um ser semelhante com quem ele possa conversar, trocar idéias enfim sentir que há alguém por perto em que ele possa confiar». (76)

Na superficialidade da constatação, preocupa-se em ligá-la ao conceito de ilha.

«Mas, não podemos dizer que nenhum homem é uma ilha, pois muitos vivem rodeados de pessoas, e uma ilha vive cercada de água por todos os lados». (91)

Outras vezes, o conceito de homem vem ligado ao seu não-isolamento, caracterizado pelo fato de nascer em família, o que lhe impõe uma dependência.

«Nenhum homem é um ser isolado. Os nossos próprios conceitos, valores, são oriundos de uma educação familiar, de um relacionamento social». (94)

«... o homem é gerado por outro homem, portanto, ao nascer existe este elo que o une irremediavelmente a outro ser da mesma espécie.

Além desse fator biológico, é o homem influenciado, no que talvez pudéssemos chamar espírito, pela sociedade em que vive, inicialmente, pela chamada «sociedade em miniatura», ou seja, a família». (85)

Essa dependência, familiar ou social, caracteriza um homem passivo, mero objeto do que ocorre ao seu redor.

«... os homens tendem a agrupar-se formando famílias, castas, classes, sociedades. Como se vê, ele tem necessidade constante de relacionar-se, unir-se. Para o ser humano o isolamento contínuo é um castigo do qual procura fugir.

A atitude de uns influencia a de outros. Têm a sua moral e seu gosto moldados de acordo com a moral e o gosto da sociedade». (77)

«... e afirmamos realmente que este não é uma ilha.

Para fazermos esta afirmação, tiramos como experiência, ou seja, temos como prova a certeza de que o homem não deve, como também não pode, viver isolado, sem alguém em sua volta, que o ajude, que o proteja, fazendo assim o que se poderia chamar de convivência mútua.

Todos os homens necessitam de uma comunicação, para saber o que se passa em sua volta, para estar a par dos acontecimentos do mundo». (79)

Sobre ilha, o vestibulando parece ter recebido orientação para dar o conceito sugerido pelo tema. Apela, então, na maioria das vezes, para o conceito geográfico decorado no antigo curso primário.

«Uma ilha é uma porção de terra, independente do continente, cercada pelo oceano por todos os lados. Ela nos dá idéia de solidão, isolamento, incomunicabilidade». (68)

«Em todos os dicionários da Língua Portuguesa, creio que o mesmo é definido como: «porção de terra cercada de água por todos os lados», dando assim a idéia de coisa isolada, sem contato com algo que lhe seja semelhante». (86)

«O conceito que temos de ilha — uma porção de terra cercada de água por todos os lados — nos dá uma coisa sozinha, que não se comunica com nada». (80)  
«... e uma ilha vive cercada de água por todos os lados». (92)

Estabelecem-se, continuamente, o isolamento e a incomunicabilidade como características decorrentes.

«Em geografia define-se ilha, como sendo uma pequena porção de terra, tendo a seu redor apenas água.

Essa descontinuidade de material da mesma substância, faz com que uma ilha se torne um local isolado, ocorrendo portanto poucas trocas ou relações entre outras áreas da terra». (95)

«Enquanto a outros seres fez exceções, uma ilha por exemplo vive só em um rio tendo ao seu redor como companhia apenas água e nada mais». (77)

«Enquanto que a ilha é um mundo pequeno de si só está isolado numa imensidão silenciosa e que talvez possa tornar a qualquer momento em movimentos, barulhos inesperados». (89)

Quanto ao elemento **homem/ilha - comparação**, ele pode ser analisado sob dois aspectos: primeiro, é como se o aluno estivesse montando um quebra-cabeça, e este elemento fosse uma das peças a serem obrigatoriamente utilizadas; em seguida, nota-se que seu desenvolvimento é pura e simplesmente uma repetição dos conceitos anteriormente escritos.

«O homem não pode e não deve isolar-se pois isolado ele seria uma ilha que vive por si e para si. Ele, o homem, é uma parte viva e pensante e, como tal, não pode ser uma ilha». (73)

«... realmente nenhum homem é uma ilha, pois lhe falta o isolamento físico». (85)

«Vivemos integrados, interligados e unificados em um só conjunto que é o de seres humanos, e por mais que tentamos sentir de outra forma jamais podemos viver como uma ilha. Nunca seríamos auto-suficientes, e a nossa capacidade de defesa seria reduzida». (94)

«O homem em si tem muitas coisas a alcançar enquanto que sendo ou sentir-se como uma ilha não poderá sentir o prazer daquilo que foi feito ou conseguido por si mesmo». (88)

O elemento **conclusão nada mais é do que uma comparação final**, enfatizando, mais uma vez, os mesmos conceitos.

«Não, o homem não é uma ilha, ele sofre, muda, cresce e; o que é mais importante, ele não se omite — pecamos também por omissão — ele participa». (75)

«Mas a ilha ainda o supera. Pois além de suportar todo o transtorno. Ainda é ilha». (55)

Algumas vezes, a **conclusão** aparece sob a forma de alerta.

«É necessário e urgente que sintamos o sentido profundo de não sermos ilhas, pois a conclusão importante de ser impossível vivermos isolados, nos levará a não sensação de terrível peso da solidão». (96)

Outras vezes, apenas evidencia o espanto do vestibulando diante do fato.

«Isto se sucede por ser uma dádiva de Deus e ninguém, mesmo os melhores sábios conseguiram explicar ou modificar, esse contraste que há entre um homem e uma ilha». (78)

#### 4.2. Modelo II

Os elementos do **Modelo II**, já descritos na metodologia, distribuem-se como mostra a Tabela XI.

TABELA XI  
DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS ELEMENTOS DO MODELO II

Elemento	Freq.	%
comunicação	13	52,0
aspectos sociológicos	24	96,0
aspectos tecnológicos	4	16,0
aspectos psicológicos	5	20,0
aspectos biológicos	4	16,0

Esse modelo corresponde a 41,6% do total das redações da amostra, havendo 26,6% de redações que abordam até dois e 15% de redações que abordam mais de dois desses aspectos.

Conforme se observa pela Tabela XI, os dois elementos predominantes foram: aspectos sociológicos e comunicação, sendo que o primeiro só não aparece em uma das redações desse modelo.

Os aspectos sociológicos, abordados nas redações e incluídos geralmente como introdução, fazem referência à situação social do homem desde suas origens, frisando a necessidade de o homem viver em grupo.

Em 41% das redações, onde aparece esse elemento, utilizam-se as expressões: «desde a pré-história», «desde os primórdios», «desde tempos primários», «desde os tempos mais remotos», o que indica, possivelmente uma matriz única.

«Desde os tempos mais remotos o homem percebeu ser mais fácil vivermos em grupo ajudando-nos mutuamente». (188)

«O homem, desde os primórdios, tem profundo relacionamento com o meio ambiente, o que nos leva a crer que deve ter relações mais estreitas com os da sua espécie, pois ela é a espécie predominante no planeta». (197)

Na maioria das vezes, verifica-se apenas a constatação superficial dessa necessidade, não havendo nenhuma justificativa para o fato.

«Desde os primórdios, o homem sempre teve necessidade de viver em comunidade com seus semelhantes. Ninguém conseguiu isolar-se a tal ponto, de nascer por si próprio ou crescer ou se desenvolver sem nenhum auxílio». (178)

«Desde o mais remoto tempo, pode-se notar que o homem procurou juntar-se a outros, desenvolvendo modos de vida em grupo, ditando idéias e chegando a conclusões». (182)

«O homem já na sua pré-história descobriu que era necessário agrupar-se formando assim, os clãs, que eram pequenos grupos liderados por um chefe. Com o passar do tempo esses pequenos grupos forma evoluindo, chegando ao que somos agora: uma grande sociedade formada de indivíduos que se necessitam reciprocamente». (187)

Outras vezes, o fato é explicado pela necessidade que o homem primitivo teve de defender-se da natureza.

«Um dia o homem apareceu na terra.

Pelo que sabemos, frágil criatura desprovida de presas, pouco forte e pouco veloz para a época em que surgiu. Logo que descobriu suas deficiências, como predador, procurou outros de sua espécie, com os quais se uniu em sociedade benéfica». (179)

«A medida que os tempos foram passando, o homem percebeu que, sozinho, seria incapaz de ultrapassar todas as dificuldades que a natureza lhe apresentava; que agindo conjuntamente, ele e os demais homem conseguiriam sobreviver». (180)

«Desde os tempos mais remotos, no combate prejudicial das forças naturais, a insuficiência de meios eficazes induziu o ser humano ao socorro mútuo, instaurando-se assim, a chama do senso comunitário». (189)

«Para defender-se de uma natureza hostil ou por uma necessidade psicológica, o homem sempre sentiu necessidade de viver junto a outros semelhantes, sempre reunido em grupos ou clãs, formando uma sociedade». (183)

Em outras redações, o sociológico parte da família, mostrando o desenvolvimento sempre dependente do ser humano através da infância, adolescência e maturidade.

«Cada um de nós depende de vários outros homens. Quando bebês precisamos de nossos pais como do próprio ar que respiramos. Na infância e na adolescência, nas escolas, precisamos dos professores, para que mais tarde não sejamos uma ilha de ignorância». (177)

«Começa no seio da família, onde uma criança recebe atenção especial dos seus entes mais queridos. Ao atingir certa idade ela já conhece os seus vizinhos mais próximos e já tem um grande rol de amizades; ao entrar na vida escolar, ela começa um grande ciclo de amizades que as vezes nunca termina». (185)

Essa idéia de dependência extrema parece tão inculcada que, em uma das redações, ela chega a ser transposta para a criação do mundo.

«Coitados...! Desde o início vimos que nada se consegue sozinho, como a Bíblia documenta, Deus ao criar o mundo necessitou da ajuda de muitos discípulos». (190)

Em comunicação, observa-se que o vestibulando repete continuamente conceitos aparentemente decorados, que se tornam verdadeiros provérbios: «Nenhum homem vive isolado, sozinho.»; «Nenhum homem é insensível, isolado ou totalmente desumano.», contrapondo isolamento a comunicação.

Outras vezes, a comunicação passa a ser uma das características da dependência do homem.

«O homem é basicamente dependente. Ele precisa de um intenso processo de comunicação para conseguir viver». (174)

Isso porque a comunicação abrange dois aspectos; o material e o espiritual.

«Um dos fatores de maior importância para uma total integração do homem na vida do dia a dia é a comunicação. Não somente a comunicação material, mas principalmente a espiritual». (101)

«Nós necessitamos um do outro indefinidamente, tanto no que se refere a parte material como a parte espiritual». (109)

Por ser imprescindível, a ausência de comunicação pode levar o homem a uma neurose.

«... o homem está sempre se comunicando. O isolamento o levaria ao caos, pois ele não conseguiria viver realmente, encontrar a si mesmo». (108)

«O homem de um modo geral não pode e também não consegue viver sozinho, isolado do mundo sem se comunicar, porque isso o levaria a uma neurose». (104)

Finalmente, conforme se vê nos exemplos abaixo, a comunicação é necessária para a sobrevivência do homem por ser uma lei natural, que se refere a todos os animais.

«Os homens, assim como todos os animais, sempre viverão em comunidades com sua insuperável necessidade interior de comunicação». (173)

«A comunidade entre os seres é uma lei natural da vida, pois os homens para viverem precisam de auxílio mútuo e este é dado através de várias maneiras, principalmente, pela comunicação entre ambos fazendo com que se integrem numa sociedade comum». (165)

Os aspectos psicológicos abordados pelos alunos falam tão somente da perplexidade diante do comportamento do homem, o que lhes impossibilita uma elaboração crítica.

«Analisar as atitudes humanas sinceramente não sou capaz, pois sou integrante dessa massa que vive propagando a paz e o amor, mas que nada fazem para obtê-lo». (154)

«O estudo do comportamento do homem em relação à sociedade é muito complexa, sendo necessário uma análise profunda». (150)

Algumas poucas vezes, os aspectos psicológicos são levantados como embasamento para justificar a necessidade de relacionamento do homem.

«Do ponto de vista psicológico, principalmente, necessitamos de contatos permanentes com seres de nossa mesma espécie». (153)

«Porém foi através da união com semelhantes que consegui suster essa superioridade e nenhum que tente afastar-se da comunidade se sentirá auto realizado e verá o fracasso sendo obrigado a retornar ao lugar. Esse retorno não será por pressões psicológicas externas e sim internas como a auto necessidade de exteriorização dos pensamentos e a auto sobrevivência». (152)

Quanto aos aspectos tecnológicos, duas visões apenas são encontradas. Ambos aspectos negativos da tecnologia.

Na primeira visão, a tecnologia aparece como responsável pelo isolamento do homem.

«Contudo, o desenvolvimento tecnológico nos mostra um homem cada vez mais distante de tudo e de todos; sem uma comunicação racional necessária para trocar idéias, conhecimentos, sentimentos.

A tecnologia fez do homem uma máquina que não pode parar e não tem tempo a perder com coisas que não levam seu mundo a um maior desenvolvimento». (158)

«Estamos vivendo uma época de solidão e, conseqüentemente, de anulação do homem. O rápido progresso técnico e científico provocou uma aceleração no ritmo de vida de cada um». (159)

Ou então, é a tecnologia que propicia a perda da individualidade do homem.

«Numa terra onde a tecnologia faz seu avanço.

Cartazes, letreiros, aparelhos audio-visuais contribuem convergendo para a pré- formação do homem-massa onde sonhos e aspirações se tornam uma luta do dia-a-dia». (201)

«Os mais modernos métodos são usados para atingir o homem. A comunicação em massa é feita através de meios elétrico-eletrônicos, audio-visuais como o rádio e a televisão». (99)

Os alunos que se referiram a aspectos biológicos aproveitaram-se, conforme comprovam os exemplos, de noções estudadas em outras disciplinas.

«Homem, animal que como os demais, está sujeito a certa interdependência para manutenção de seu estado biológico; característica inerente do hetero-trofismo. É, portanto, peça pertencente ao intrínseco jogo da sobrevivência». (155)

«A interrelação entre homem e ambiente é vital Biologicamente é indispensável ao nosso organismo os mais variados tipos de componentes terrestres.

Como animais, vivemos em constante simbiose com o mundo circundante.

Damos e recebemos material diverso ao nosso ecossistema». (156)

«Até os animais vivem juntos. Como exemplo, temos as comunidades denominadas superorganismos. Nestas há uma perfeita divisão do trabalho, como as abelhas que mostram uma perfeita interação». (188)

#### 4.3. Sem modelo

As redações catalogadas no grupo que se denominou Sem modelo correspondem a 38,3% do total da amostra.

Em 20% predomina o conceito de homem como sinônimo de comunicação, repetindo os conceitos já exemplificados no Modelo II. Denominaram-se Sem modelo<sub>a</sub>. Só as 18,3% restantes abordam aspectos diferentes das demais redações do total da amostra. É o que se denominou Sem modelo<sub>b</sub>.

#### 5. Conclusão

A maior estimulação ambiental, a que estão expostos vestibulandos oriundos de nível sócio-econômico acima da média e cujos pais possuem escolaridade elevada, levaria a esperar um desempenho mais adequado por parte deles.

No entanto, ao se analisarem as redações dos vestibulandos de 1976 não se nota praticamente diferenciação entre seus autores.

O cerceamento desses candidatos, determinado por modelos que limitam sua criatividade e suas concepções, não deixa transparecer a visão crítica do aluno. São modelos adaptáveis aos mais diversos temas, que padronizam o texto na sua significação, fazendo desaparecer a individualidade.

Confirmando a primeira hipótese levantada na Introdução, vê-se que os vestibulandos são provenientes, na sua maioria, de família de nível sócio-econômico elevado. Seria necessário estratificar a amostra de vestibulandos, identificando as respectivas redações e avaliações, para se estabelecer uma relação objetiva entre desempenho lingüístico e nível sócio-econômico. No entanto, o que se nota é uma padronização desse desempenho, condicionada pelos modelos, o que corrobora também a segunda hipótese.

A existência de modelos, terceira e última hipótese, por sua vez, ficou exaustivamente comprovada.

O fato de o vestibulando seguir rigorosamente um modelo de redação imposto permite avançar a conclusão e afirmar que o ensino de Língua Portuguesa, especificamente no que se refere à redação, não vem

oferecendo oportunidades suficientes para que o aluno acione sua competência lingüística. E a que ele traz consigo, através de um processo natural de aquisição, parece bloqueada no decorrer de sua vida escolar. A adoção de modelos para redação viria como um recurso para socorrê-lo numa situação de emergência.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- GOUVEIA, Aparecida Joly. 1976. A escola, objeto de controvérsia. *Cadernos de Pesquisa*, 16, março.
- GUIMARAES, Beatriz M.A.B. e SCHNEIDER, Ivo Alberto. 1976. Comportamento verbal do aluno e fatores sociológicos que o afetam. *Cadernos de Pesquisa*, 16, março.
- LABOV, William. 1964. Estágios na aquisição do inglês standard, in FONSECA, Maria Stella V. et al. (org.) 1974. *Sociolingüística*. Rio de Janeiro, Livraria Eldorado Tijuca Ltda.
- LANGONI, Carlos Geraldo. 1973. *Distribuição de renda e desenvolvimento econômico*. Rio de Janeiro, Editora Expressão e Cultura.
- MARCELLESI, J.B. e GARDIN, B. 1976. *Introdução à Sociolingüística*. Lisboa, Editorial Aster.
- MARCUSCHI, Luiz. 1975. *Linguagem e classes sociais*. Porto Alegre, Editora Movimento/Editora URS.
- MONTERRAR, Ruth e GRYNER, Helena (org). 1974. *Língua, cultura e desenvolvimento*. Brasília, Editora Brasília.
- OLIVEIRA, Lólio Lourenço de. 1976. Urbanização e acesso ao ensino superior, *Cadernos de Pesquisa*, 17, março.
- OLIVEIRA, Lólio Lourenço de. 1975. *Candidatos ao concurso vestibular da área biológica em São Paulo*. São Paulo, Fundação Carlos Chagas.
- TRAGTENBERG, Maurício. 1976. A escola como organização complexa, in GARCIA, Walter E. (org). 1976. *Educação brasileira contemporânea: organização e funcionamento*. São Paulo, Editora Mc Graw Hill.

[Recebido para publicação em setembro de 1977]